

# ARGUMENTAÇÃO VISUAL E A CRÍTICA À DEPENDÊNCIA DIGITAL NAS PRÁTICAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

## VISUAL ARGUMENTATION AND THE CRITIQUE OF DIGITAL DEPENDENCE IN CONTEMPORARY SOCIAL PRACTICES

Leonardo de Souza <sup>1</sup>

Instituto Federal de Ciências, Tecnologia e Educação do Sul de Minas Gerais

**Resumo:** Este artigo investiga o potencial argumentativo de imagens contemporâneas que problematizam o uso viciante das redes sociais. Partindo da premissa de que a imagem é um acontecimento discursivo capaz de sustentar conclusões, a pesquisa analisa como metáforas visuais operam em gêneros persuasivos plurissemióticos. O objetivo é compreender a construção do ethos e a manipulação de sentidos na relação entre imagem e sociedade, desafiando a visão logocêntrica que restringe a argumentação ao domínio verbal. A fundamentação teórica articula a Análise do Discurso com a Retórica Visual. A metodologia qualitativa utiliza um corpus de ilustrações de Pawel Kuczynski. Espera-se demonstrar que a argumentação visual constitui um campo de resistência política no século XXI.

**Palavras-chave:** Argumentação Visual; Discurso; Redes Sociais; Metáfora Visual; Ethos.

**Abstract:** This article investigates the argumentative potential of contemporary images that problematize the addictive use of social networks. Based on the premise that the image is a discursive event capable of sustaining conclusions, the research analyzes how visual metaphors operate in plurisemiotic persuasive genres. The goal is to understand the construction of ethos and the manipulation of meanings in the relationship between image and society, challenging the logocentric view that restricts argumentation to the verbal domain. The theoretical foundation articulates Discourse Analysis with Visual Rhetoric. The qualitative methodology uses a corpus of illustrations by Pawel Kuczynski. It is expected to demonstrate that visual argumentation constitutes a field of political resistance in the 21st century.

**Keywords:** Visual Argumentation; Discourse; Social Networks; Visual Metaphor; Ethos.

**Submetido em 16 de fevereiro de 2026.**

**Aprovado em 30 de março de 2026.**

---

<sup>1</sup> Graduado em Artes Visuais, Letras, Pedagogia e Teologia. Especialista em Ensino de Português, Inglês, Literatura e Redação. Gestão Escolar: Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção. Especialista em Coordenação Pedagógica e Neuropsicopedagogo Clínico e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Lavras, Email: [leonardo.lettras.claretiano@gmail.com](mailto:leonardo.lettras.claretiano@gmail.com)

## Introdução

A contemporaneidade é marcada por uma hegemonia do visível, fenômeno denominado como pictorial turn ou “virada pictórica”, onde a imagem deixa de ser um mero adorno para se tornar a unidade central de produção de sentido nas interações sociais. No entanto, a tradição dos estudos linguísticos e retóricos manteve-se, por muito tempo, ancorada num logocentrismo que reduzia o “argumento” exclusivamente à esfera do verbal. Este artigo propõe um rompimento com essa visão, investigando a imagem como um acontecimento discursivo dotado de plena capacidade argumentativa. O cenário desta investigação reside nas ilustrações satíricas que problematizam o uso viciante das redes sociais, especificamente as obras do artista polaco Pawel Kuczynski. A questão central procura compreender como a articulação de elementos figurativos configura uma estratégia de persuasão capaz de renegociar o ethos do sujeito contemporâneo e promover uma crítica política às estruturas de poder das plataformas digitais.

### 1. Discurso, poder e a hegemonia das Big Techs

A fundamentação sociopolítica desta análise repousa na compreensão do controle discursivo exercido na era digital. Segundo Teun van Dijk (2008), o poder social baseia-se no controle que grupos e instituições exercem sobre o discurso público. No século XXI, esse poder é detido pelas chamadas *Big Techs*, que gerenciam não apenas a infraestrutura da comunicação, mas os próprios modelos mentais dos utilizadores através de algoritmos. O “abuso de poder discursivo” manifesta-se quando estas plataformas definem o que é relevante, moldando a percepção da realidade para favorecer o consumo e a permanência incessante no ambiente virtual.

Neste contexto, a imagem crítica surge como um contradispositivo. Se o discurso dominante das redes sociais é o da “conexão” e “liberdade”, as ilustrações de Kuczynski operam uma desconstrução dessa narrativa, tornando visível a “reprodução do domínio”. Ao expor as engrenagens da dependência, estas imagens funcionam como um ato de vigilância intelectual, desafiando a aceitação passiva do controlo algorítmico.

### 2. A biopolítica e a psicopolítica do scroll infinito

A análise expande-se para a dimensão do corpo e da mente. Mobilizamos o conceito

de biopolítica para descrever como o poder se inscreve na biologia do sujeito. Nas práticas digitais, isso é evidente na disciplinarização do corpo: a postura curvada, o movimento repetitivo do polegar e a privação de sono em função do ecrã. Paralelamente, a psicopolítica (Han, 2018) atua de forma mais subtil, através da sedução. Diferente do controle disciplinar clássico, que proíbe, a psicopolítica digital estimula a autoexposição e o desejo de gratificação instantânea (o “curtir”). As imagens analisadas fundem estas duas dimensões, retratando o utilizador como um ser simultaneamente preso fisicamente e seduzido mentalmente.

### 3. Fundamentação teórica: A proposição visual

A eficácia argumentativa das imagens de Kuczynski reside na sua capacidade de formular “proposições visuais”. Segundo Mateus (2016), uma imagem não apenas representa o real, ela propõe uma conclusão através de razões visuais. Esta investigação utiliza o conceito de “imagem argumentativa de pensamento” (Grácio, 2023) para explicar como o observador, ao entrar em contato com a obra, é forçado a reconstruir o entimema (argumento implícito). A imagem não diz “as redes sociais são uma prisão”; ela mostra um utilizador algemado a um logótipo, deixando que a mente do receptor complete a inferência lógica. Este processo de coautoria do sentido fortalece a adesão do público à tese defendida pelo artista.

### 4. Análise de Corpus: seis metáforas de resistência

Nesta seção, analisamos seis ilustrações fundamentais que compõem a crítica de Kuczynski ao vício digital, utilizando as categorias de metáfora visual, saliência e construção de *ethos*.

#### 4.1. A imagem do periscópio (O facebook como vigilância)



Fonte: Kuczynski (2016). Disponível em: <https://comunicadores.info/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

A ilustração do *corpus* aprofunda a crítica ao isolamento social mediado pelas redes. Nela, um indivíduo encontra-se em um ambiente confinado e escuro, utilizando o logotipo da rede social Facebook como um periscópio para observar o mundo exterior. A imagem constitui uma **proposição visual** sobre a distorção da realidade. De acordo com Samuel Mateus (2016), os elementos figurativos funcionam como razões para uma conclusão.

Assim, temos o **isolamento físico**: O ambiente escuro e a pequena fresta de luz sugerem que o sujeito está em um estado de “prisão” ou confinamento voluntário causado pelo uso das redes sociais. A mediação do olhar: O uso do “f” azul como ferramenta de visão sustenta a tese de que a rede social não é uma janela aberta, mas um filtro estreito que determina o que pode ou não ser visto.

Sob a ótica de Van Dijk (2008), esta obra visualiza o “abuso de poder discursivo”. O controle não é feito por grades externas, mas pela dependência da ferramenta para acessar o social, que gera o controle mental. A plataforma gerencia os modelos mentais do usuário ao se posicionar como a única interface possível entre o sujeito e a realidade externa (o gramado verde visível pela fresta). A cenografia do confinamento: Maingueneau (2008) destacaria que a cena instituída é de um sujeito que abdicou da visão direta em favor de uma visão mediada, o que reforça o ethos de alienação que o artista pretende denunciar.

O entimema visual aqui construída força o observador a concluir que a hiperconectividade digital resulta em um paradoxal isolamento do mundo físico. A resistência política da obra reside em tornar visível o invisível, ou seja, o fato de que a rede, prometendo conexão global, funciona frequentemente como um reduto de solidão e vigilância dissimulada

#### 4.2. O Smartphone como condutor (Biopolítica e Assujeitamento)



Fonte: CUTTS, Steve (s.d.). Disponível em: <https://comunicadores.info/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

A ilustração analisada funciona como um potente acontecimento discursivo que subverte a relação tradicional entre homem e ferramenta. Nela, observa-se uma inversão hierárquica onde um smartphone antropomorfizado conduz um ser humano pelo pescoço, utilizando uma coleira. A imagem é uma representação visual da biopolítica aplicada às redes sociais. Portanto, o poder biopolítico incide sobre os gestos e a postura da população.

Assujeitamento Físico no qual o ser humano é retratado com uma fisionomia apática e o corpo curvado, sendo fisicamente guiado pelo dispositivo. O corpo como apêndice, a ferramenta (smartphone) ganha pernas, braços e um “rosto” composto por ícones de redes sociais, enquanto o humano perde sua agência, tornando-se um apêndice da interface tecnológica.

No âmbito da psicopolítica, a obra revela como o controle digital não precisa de coação física violenta, pois ele seduz e captura o sujeito através de modelos mentais. A Cenografia da dependência que o smartphone segura em uma das mãos uma “recompensa” (um osso com o símbolo de *curtir*), simbolizando as iscas psicológicas que capturam o sujeito pelo desejo de pertencimento e visibilidade. Metáfora visual do grilhão

cuja coleira atua como a metáfora visual central, fundindo o biopolítico (o corpo conduzido) ao psicopolítico (a mente domesticada).

A imagem constrói uma proposição visual autônoma que dispensa o verbal para sustentar sua conclusão: a tecnologia, sob o domínio das *Big Techs*, inverteu os papéis de serventia. Através dessa satírica, o artista projeta um ethos de resistência política, convidando o observador (co-enunciador) a reconhecer sua própria “escravidão digital” e renegociar sua autonomia subjetiva.

#### 4.3. A montaria digital e a biopolítica da vigilância



Fonte: KUCZYNSKI, Pawel (2016). Disponível em: <https://comunicadores.info/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

A ilustração que retrata um jovem curvado, com o semblante pálido e focado na tela do *smartphone*, onde se visualiza o personagem “Pikachu” sentado em uma sela de cavalo, com o arreio saindo da boca do usuário. A ilustração configura uma cenografia de subjugação biopolítica extrema. A cenografia instituída não é a de um lazer tecnológico, mas a de uma domesticação. Maingueneau (2008) argumenta que o discurso institui o lugar a partir do qual se fala. Aqui, a cena construída pelo ilustrador projeta um ethos de assujeitamento radical no qual o usuário não é um sujeito ativo, mas uma montaria. O arreio saindo da boca funciona como um operador discursivo que materializa a perda da fala autônoma. O sujeito, ao ser capturado pelo discurso algorítmico, perde a capacidade de formular um contradiscurso, tornando-se o suporte físico do desejo da plataforma.

A análise à luz da **psicopolítica** de **Byung-Chul Han (2018)** revela que o Pokémon (personagem do jogo *Pokémon GO*) funciona como a sedução que torna a armadilha

prazerosa. Diferente da repressão física, o sujeito aceita a sela porque o discurso digital transforma a exploração em entretenimento. A palidez do jovem é o índice biopolítico da exaustão nervosa produzida pelo controle psicopolítico incessante. O arreio não é sentido como dor, mas como a conexão necessária para a gratificação digital.

Articulando Van Dijk (2008) e Foucault (1999), observamos que o “controle mental” exercido pela interface das *Big Techs* dita a “ação biopolítica” do corpo. Para Van Dijk a manipulação ocorre quando o discurso controla os modelos mentais. Na imagem, o modelo mental do usuário é de que ele está “brincando”, enquanto a ação real é a submissão do corpo ao dispositivo. De acordo com Foucault nos permite ler a curvatura das costas e a fixação do olhar como a nova disciplina biopolítica: o sujeito se autodisciplina (curva-se) para atender às demandas do algoritmo, tornando-se um autômato do consumo de informações.

#### 4.4. O Arquipélago Digital



Fonte: KUCZYNSKI, Pawel (2016). Disponível em: <https://comunicadores.info/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

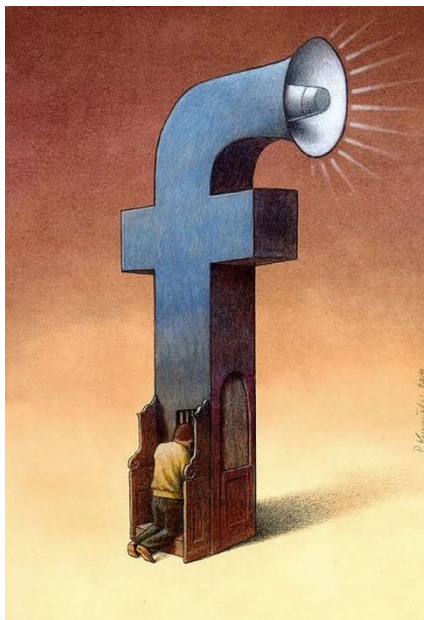
A obra utiliza uma **metáfora visual** espacial para argumentar sobre a condição do sujeito contemporâneo. A imagem nega a tese de que a internet aproxima as pessoas (“o mundo em uma rede”). A proposição de Kuczynski é que as redes sociais transformam o espaço coletivo em uma coleção de **monádades isoladas**. As ilhas funcionam como representações físicas do “eu” digitalizado, incapaz de transpor o mar da mediação algorítmica para alcançar o “outro”. O contraste entre a proximidade física (as ilhas estão próximas) e a distância psíquica (cada um está em seu mundo) constrói uma cena

argumentativa (Charaudeau, 2010) sobre a perda da alteridade e da interação direta.

Sob a lente da **Psicopolítica** de Byung-Chul Han, esta obra visualiza o sujeito neoliberal que se isola em sua própria “bolha” de dados. O dispositivo não é apenas uma ferramenta de acesso, mas uma fronteira física e mental que define a extensão da “ilha” de cada indivíduo. A atenção está compartimentada (Han, 2018), impossibilitando o foco no ambiente real.

A imagem demonstra como o discurso do “estar conectado” é, na prática, um mecanismo de controle que induz o isolamento, mantendo o sujeito engajado com a plataforma em detrimento do vizinho físico. A perspectiva aérea (visão de Deus) confere à imagem um caráter analítico e sociológico. O artista projeta um **ethos de vigilância crítica**, posicionando-se acima da cena para revelar uma verdade oculta pelos sujeitos nela contidos. Ele convida o espectador a assumir a mesma postura reflexiva. O observador reconstrói o argumento: *Se todos estão juntos, mas ninguém se vê, então a conexão digital é uma forma de isolamento compartilhado*. A resistência política reside em desconstruir a “falsa sociabilidade” promovida pelas *Big Techs*.

#### 4.5. A Confissão Digital (Religião e Redes Sociais)



Fonte: KUCZYNSKI, Pawel (2016). Disponível em: <https://comunicadores.info/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

Nesta obra, Pawel Kuczynski estabelece um paralelo direto entre a prática religiosa milenar e o comportamento digital contemporâneo. A imagem retrata um confessionalário católico tradicional, mas com uma alteração iconográfica central: a grade de madeira,

onde o fiel deposita seus pecados, foi substituída pelo logotipo azul da rede social Facebook. A imagem opera uma **metáfora visual** de substituição de domínios (o sagrado pelo tecnológico).

A imagem propõe que as redes sociais não são apenas ferramentas de comunicação, mas novos sistemas de crença e julgamento moral. O “f” azul funciona como o ouvido onipresente de uma divindade algorítmica. No confessionário tradicional, o segredo é a regra. Na metáfora de Kuczynski, o ato de “confessar” (postar) torna o privado público. O argumento visual sugere que o usuário busca uma absolvição social, através de curtidas e validações que substitui o perdão espiritual.

A **cenografia** (Maingueneau, 2008) utiliza o peso institucional da Igreja para enfatizar a gravidade da dependência digital: ao colocar a rede social no lugar da autoridade religiosa, o artista denuncia o poder totalitário das *Big Techs*. Van Dijk (2008) descreveria isso como o controle dos modelos mentais: a plataforma dita o que é “pecado” (o ostracismo digital) e o que é “virtude” (a alta performance e engajamento).

A postura do personagem, de joelhos, reforça a biopolítica da submissão. Não há coação física visível, mas uma entrega voluntária da intimidade em troca de um conforto psíquico simulado. Sob a lente de Han (2018), esta imagem ilustra a **Psicopolítica** da transparência. Diferente do regime disciplinar de Foucault, onde o olhar era externo e punitivo, a “confissão digital” é estimulada. O sujeito é seduzido a expor seus pensamentos mais íntimos para alimentar o Big Data. A conclusão implícita no entimema visual é que perdemos o sentido de “foro íntimo”. A rede social atua como um tribunal de consciências onde a privacidade é o sacrifício necessário para a existência social.

#### 4.6. A Mesa de Tortura Digital (Biopolítica do Aprisionamento)



Fonte: Makkah Newspaper (s.d.). Disponível em: <https://shre.ink/AECs>. Acesso em: 15 fev. 2026.

A obra utiliza uma metáfora visual histórica para argumentar sobre a condição do sujeito contemporâneo. A imagem propõe que a conectividade total não é uma escolha livre, mas uma forma de coerção. A proposição de Kuczynski é que o uso de múltiplas redes sociais é um processo doloroso e aprisionador, que sujeita o corpo a uma tensão constante. A imagem nega a tese da “conveniência” digital, substituindo-a pela tese da “tortura” biopolítica.

O poder biopolítico (Foucault, 1999) é visualizado na imobilização física do sujeito. Os cabos não nutrem; eles restringem. O corpo torna-se um local de martírio onde a rede social exerce sua dominação. Sob a lente da Psicopolítica de Byung-Chul Han (2018), esta obra visualiza o sujeito neoliberal que se isola em sua própria “bolha” de dados, sendo destruído por ela.

Os quatro cabos representam a necessidade de monitorar múltiplas plataformas simultaneamente. A tortura não vem de um único ponto, mas da pressão exercida por diferentes demandas de atenção (notificações, mensagens, curtidas), que causam uma dor psíquica e física. Como aponta Van Dijk (2008), o discurso tecnológico controla a ação. O modelo mental de “estar informado” foi sequestrado pelas plataformas, que transformam a necessidade humana de conexão em um instrumento de sofrimento.

A referência histórica à tortura medieval gera um choque visual que funciona como um potente acontecimento discursivo. O artista projeta um *ethos* de desmascaramento, revelando a violência oculta por trás da interface amigável dos aplicativos. Ele convida o espectador a questionar se sua própria conectividade não é uma forma de aprisionamento. O observador reconstrói o argumento: *Se o smartphone me causa dor e me impede de mover-me, então a hiperconectividade é uma tortura moderna.*

A resistência política reside em tornar visível como as *Big Techs* transformaram o tempo livre e a atenção humana em instrumentos de controle e sofrimento, consolidando a crítica à dependência digital nas práticas sociais contemporâneas.

## **Considerações Finais**

As análises empreendidas neste artigo permitiram confirmar a premissa de que a imagem contemporânea não atua como mero suporte ilustrativo, mas como um acontecimento discursivo autônomo e dotado de plena capacidade argumentativa. Ao investigar o corpus de Pawel Kuczynski e Steve Cutts, foi possível observar como a

articulação de metáforas visuais e a construção de cenas enunciativas específicas logram êxito em sustentar teses complexas sobre a erosão da autonomia subjetiva na era digital, sem a necessidade de auxílio verbal.

Em resposta aos objetivos de pesquisa, demonstrou-se que a argumentação visual opera através de “proposições visuais” que desafiam a lógica logocêntrica tradicional. As imagens analisadas revelaram que a dependência das redes sociais não é apenas uma questão de hábito, mas o resultado de um abuso de poder discursivo por parte das Big Techs, que utilizam mecanismos de biopolítica e psicopolítica para disciplinar o corpo e seduzir a mente dos usuários. O trabalho evidenciou que metáforas como a “mesa de tortura digital”, o “confessionário” e o “arquipélago de isolamento” funcionam como contradispositivos que tornam visível a dominação algorítmica, promovendo o dissenso e a resistência política.

A principal contribuição deste estudo reside na aplicação de um modelo analítico que integra a Análise do Discurso de linha francesa com a Retórica Visual, oferecendo ferramentas para a leitura crítica de gêneros plurissemióticos. O trabalho reforça a relevância do conceito de ethos de resistência, projetado pelos artistas como uma forma de vigilância intelectual sobre as práticas sociais mediadas pela tecnologia.

Como desdobramentos para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do corpus para analisar como a inteligência artificial generativa está reconfigurando essas mesmas metáforas visuais. Além disso, estudos subsequentes podem investigar a recepção dessas imagens por diferentes públicos, a fim de mensurar o impacto efetivo da argumentação visual na mudança de comportamentos e na percepção crítica dos usuários sobre a sua própria dependência digital.

## Referências

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela S. M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Cultura da argumentação, direitos humanos e imagem argumentativa de pensamento. *Rétor*, Buenos Aires, v. 13, n. 2, p. 64-78, jul./dez. 2023.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.

KUCZYNSKI, Pawel. *Ilustrações sobre redes sociais*. 2026. Disponível em: <https://virgula.me/album:redes-sociais>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, Samuel. Pode uma imagem ser um argumento? *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2016.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. Tradução de Judith Hoffnagel e Karina Falcone. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.